



Bolsas		Pontuação B3				Dólar		Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na sexta-feira	Na quinta-feira	IBovespa nos últimos dias				Na sexta-feira	Últimos		Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,74%	1,14%	172.024	174.070			R\$ 5,169	29/junho 5,174 30/junho 5,163 1/julho 5,210 2/julho 5,208	R\$ 1.621	R\$ 5,911	14,15%	14,15%	Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88 Abril/2026 0,67 Maio/2026 0,58
São Paulo	Nova York	30/6	1/7	2/7	3/7	(- 0,76%)						

ENERGIA

Copa do Mundo desafia sistema elétrico

Após corte de 20GW no jogo do Brasil contra o Japão, ONS reforça monitoramento do consumo de energia para domingo

» RAFAELA GONÇALVES

Os jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo têm imposto um desafio adicional ao sistema elétrico do país, ao combinar picos de geração renovável com quedas bruscas de consumo provocadas pela mobilização da população durante as partidas. Para o confronto das oitavas de final da seleção do Brasil contra a da Noruega, marcado para domingo, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) já trabalha com um cenário de atenção redobrada.

A expectativa do operador é de que a combinação entre o jogo e o domingo — quando a atividade econômica já é naturalmente menor — reduza ainda mais a demanda por energia ao longo da partida. O cenário pode ampliar o risco de excedentes de geração, principalmente de fontes solar e eólica, exigindo novos cortes para preservar o equilíbrio do Sistema Interligado Nacional (SIN).

“O desafio operacional é diferente do observado em dias úteis, mas seguimos monitorando continuamente o comportamento da carga e da geração”, afirmou o ONS. O órgão também avalia a necessidade de medidas adicionais para controlar a oferta, incluindo a redução da produção de usinas a biomassa e pequenas centrais hidrelétricas conectadas à rede de distribuição, mecanismo já utilizado em situações pontuais neste ano.

O alerta ocorre poucos dias após o operador determinar um corte de aproximadamente 20 gigawatts (GW) na geração eólica e solar durante a partida entre Brasil e Japão, na segunda-feira (1º). O jogo, disputado às 14h, foi o primeiro da Seleção em horário de expediente, quando a geração solar atinge níveis elevados e parte da atividade industrial e de serviços

permanece em funcionamento.

Segundo o ONS, o corte foi provocado pela combinação entre elevada geração distribuída e uma redução acentuada da carga. Em nota, o órgão informou que a medida “se deve à elevada geração distribuída e carga muito reduzida”.

Durante a partida, a carga do SIN caiu cerca de 21%, atingindo 66.515 megawatts médios por volta do intervalo. Logo após o apito final, às 16h02, o movimento se inverteu rapidamente, em apenas uma hora, a demanda aumentou 12.783 MW, volume equivalente ao consumo médio somado de Minas Gerais e Paraná, refletindo a retomada simultânea das atividades econômicas e domésticas.

O diretor-geral do ONS, Marcio Rea, afirmou que grandes eventos esportivos aumentam a complexidade da operação do sistema. “Avaliamos que mais pessoas estarão ligadas na Copa, o que poderá aumentar ainda mais a complexidade da operação. De qualquer maneira, estamos preparados para continuar garantindo o equilíbrio do SIN e o atendimento às demandas da nossa torcida e de toda a sociedade brasileira”, disse.

Interrupções

A necessidade de reduzir a geração renovável durante os jogos da Copa ocorre em um momento em que o Brasil enfrenta recordes de curtailment — quando usinas deixam de produzir energia por limitações operacionais ou de transmissão.

Em 2025, 20,6% de toda a geração solar e eólica disponível deixou de ser aproveitada, segundo levantamento da Volt Robotics. O desperdício representou perdas superiores a R\$ 6 bilhões ao longo do ano.

O problema decorre da rápida

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Torcedores de Brasília comemoram um dos gols da Seleção Brasileira contra o Japão, na segunda-feira (1º), em bar no Sudoeste

“Avaliamos que mais pessoas estarão ligadas na Copa, o que poderá aumentar ainda mais a complexidade da operação”

Marcio Rea, diretor-geral do ONS

expansão da geração renovável, combinada a gargalos na infraestrutura de transmissão e períodos de baixa demanda, que obrigam o operador a limitar a produção mesmo quando há energia disponível.

O comportamento do consumo em grandes eventos já influenciou esse cenário anteriormente. Segundo a Volt Robotics, o maior pico de curtailment registrado em 2025 ocorreu justamente no Dia dos Pais, quando a combinação entre baixa atividade econômica típica de um domingo e elevada geração

renovável levou o sistema a registrar um dos maiores volumes de energia descartada do ano.

Para Donato da Silva Filho, diretor-geral da Volt Robotics, o volume desperdiçado evidencia um problema estrutural. “Estamos falando de energia limpa que poderia abastecer casas, indústrias e hospitais, mas que simplesmente foi jogada fora”, afirmou.

Em níveis recordes, os cortes têm comprometido a rentabilidade dos projetos renováveis e ampliado as preocupações com a segurança da operação do sistema

elétrico. “Os cortes ocorrem, principalmente, pela manhã porque há um excesso de geração, sobretudo da solar, entre 10h e 11h. Nesse momento, ou não existe carga suficiente para absorver toda essa energia ou o sistema de transmissão não consegue escoá-la”, explicou Donato. Segundo ele, o curtailment no ano passado dividuiu-se, praticamente, em duas frentes. “Cerca de 50% dos cortes ocorreram por falta de consumo, o que chamamos de sobreoferta, e os outros 50% por limitações do sistema de transmissão.”

COMÉRCIO EXTERIOR

Superavit da balança cresce 66,6% em maio

» PEDRO JOSÉ*

A balança comercial brasileira registrou superavit comercial de US\$ 9,8 bilhões, em junho de 2026, alta de 66,6% em relação aos US\$ 5,9 bilhões apurados no mesmo mês do ano passado. Os dados foram divulgados, ontem, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). No acumulado de janeiro a junho, o saldo positivo da balança somou US\$ 42,4 bilhões, aumento de 40,3% frente aos US\$ 30,2 bilhões registrados no primeiro semestre de 2025.

O saldo positivo de maio foi impulsionado pelo crescimento de 24,9% das exportações, que somaram US\$ 36,3 bilhões, enquanto as importações somaram US\$ 26,5 bilhões, com avanço de 14,4%. Enquanto isso, no acumulado do ano, as exportações brasileiras alcançaram US\$ 184,8 bilhões, alta de 11,5% em relação ao mesmo período de 2025. As importações somaram US\$ 142,4 bilhões no semestre, avanço de 5,1%.

A indústria de transformação liderou as exportações em junho,

com US\$ 18 bilhões, representando 49,7% da pauta exportadora e crescimento de 14,7% na comparação com o mesmo mês do ano passado. Na sequência, apareceu a indústria extrativa, que movimentou US\$ 9,9 bilhões, registrando a maior alta entre os setores, de 58,4%, impulsionada principalmente pela valorização dos preços internacionais. A agropecuária exportou US\$ 8,1 bilhões, avanço de 18%.

Dentre os produtos mais exportados pelo país, os óleos brutos de petróleo lideraram com US\$ 6,28 bilhões, avanço de 78,9% em valor, favorecidos pela alta de 67,6% nos preços. A soja respondeu por US\$ 6,25 bilhões, seguida pelo minério de ferro, com US\$ 2,84 bilhões, e pela carne bovina fresca, refrigerada ou congelada, que alcançou US\$ 1,82 bilhão, aumento de 39,2%.

Nas importações, os bens intermediários permaneceram como a principal categoria, somando US\$ 15,1 bilhões, alta de 10,9%. Já os bens de consumo apresentaram o maior crescimento em valor, com avanço

Reprodução/Porto Nosso



Saldo positivo acumulado no ano tem alta de 40,3%, na comparação com 2025, para US\$ 42,2 bilhões

de 34%, atingindo US\$ 5,7 bilhões, apesar da redução de 18,6% no volume importado. Entre os produtos, destacaram-se os veículos de passageiros, cujas compras externas cresceram 67,1%, totalizando US\$ 2,41 bilhões, além de adubos e fertilizantes, com US\$ 1,46 bilhão, e óleos combustíveis de petróleo, que somaram US\$ 1,12 bilhão.

A Ásia permaneceu como o

principal destino regional das exportações brasileiras em junho, com US\$ 17,4 bilhões em vendas, alta de 29,9% em relação ao mesmo mês de 2025. A China manteve a liderança entre os parceiros individuais, respondendo por US\$ 12,29 bilhões das exportações brasileiras, avanço de 24,4%, além de US\$ 7,8 bilhões em importações, crescimento de 27,1%. A Europa também ampliou

sua participação, com US\$ 6,44 bilhões em exportações (+43,9%), enquanto a América do Norte registrou US\$ 4,94 bilhões (+8,5%). Já para a América do Sul, as vendas somaram US\$ 3,97 bilhões, alta de 7%, embora as exportações para a Argentina tenham recuado 18,1%.

Apesar do crescimento de apenas 3,7% nas exportações brasileiras para os Estados Unidos, o

diretor do Departamento de Estatísticas e Estudos de Comércio Exterior do Mdic, Saulo de Souza Guerra, explicou que o resultado foi fortemente influenciado pela valorização do preço internacional dos combustíveis, em meio ao conflito no Oriente Médio deflagrado pelo presidente norte-americano Donald Trump, no fim de fevereiro. Segundo ele, “o resultado foi impulsionado essencialmente pelo preço”, já que o volume embarcado para o mercado norte-americano caiu 6,6%, enquanto os preços médios tiveram aumento de 11%.

O vice-presidente Geraldo Alckmin, ex-ministro do Mdic, afirmou, ontem, que o governo brasileiro trabalha para convencer os EUA de que não há necessidade para uma nova sobretaxa de 25% sobre os produtos nacionais, prevista para vigorar a partir do próximo dia 15. “Estamos trabalhando convencendo o governo federal dos Estados Unidos que, por nenhuma razão, tem sentido essa tarifa de 25%. Porque quando o produto americano entra no Brasil é 3,1% a tarifa de importação, então, não tem sentido cobrar 25%” disse.

*Estagiário sob a supervisão de Rosana Hessel